

# Mais\*

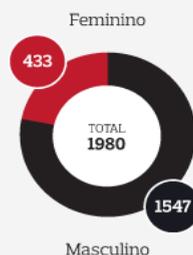
## CIDADES NAS RUAS

Salvador é, segundo o IBGE, uma cidade com cerca de 3,8 milhões de habitantes. Um levantamento feito pelo projeto em parceria com 120 pesquisadores aponta que 20 mil vivem nas ruas – cerca de 0,5% do total da capital.

### Perfil da população de Salvador em situação de rua em 2016

Foram realizadas **6.228** abordagens que resultaram em **1.980** cadastros

#### GÊNERO



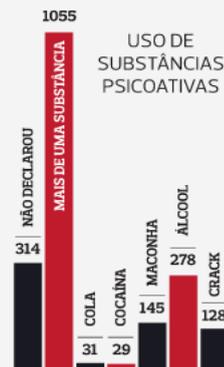
#### FAIXA ETÁRIA



#### NATURALIDADE



#### DOCUMENTAÇÃO



## PESQUISA FORA DOS ABRIGOS

# VIDAS NA RUA

### Cerca de 20 mil pessoas vivem hoje nas ruas de Salvador

Saulo Miguez e Thais Borges  
mais@reddebahia.com.br

“Depois que fiquei presa não gosto mais de lugar com fechadura. Quero ser livre”. O desabafo é de uma das cerca de 20 mil pessoas que vivem em situação de rua em Salvador, segundo levantamento inédito feito pelo Projeto Axé.

A declaração é de Eva Santos, 49, que há dois tem as vias da Cidade Baixa como lar. Ela ainda engossa a estatística cada vez maior de ex-detentos que vão viver nas ruas, mesmo sobrando mais de 150 vagas nos abrigos da cidade.

“Temos visto cada vez mais egressos do sistema carcerário. Alguns têm medo de fazer o cadastro achando que tem risco de voltar para a cadeia”, endossa a diretora de Promoção Social Especial da Secretaria Municipal de Promoção Social, Esporte e Combate à Pobreza (Semps), Juliana Portela.

“Fui acusada de roubar um celular numa festa de largo. Mas não fui eu. Acabei caindo na detenção e fiquei lá cinco anos. Quando sai de lá, não tive emprego, nada. Sobrou a rua. Meu marido não me quis mais e ninguém da minha família”, conta Eva.

Grávida de cinco meses, ela se vê obrigada a abandonar as ruas e a liberdade que tanto preza: “Agora com esse menino na barriga não tem jeito.

Vou ter que procurar algum abrigo, mesmo”. A história de Eva não é um conto isolado nesta vasta bibliografia que repousa, geralmente, sob os viadutos da capital baiana.

#### FÉ NO PENTA

Há 15 anos dormindo em calçadas da cidade, José Augusto Santa, 58, é protagonista de uma daquelas histórias que poderiam estar nas telas do cinema. Em 1998, Santa, como muitos brasileiros, pôs a maior fé no pentacampeonato mundial da Seleção Brasileira. Mas ele não contava com a convulsão de Ronaldo Fenômeno e a atuação de gala do meia-atacante francês Zidane, que culminou com a amarga derrota brasileira.

“Eu tinha apostado quase todo dinheiro que eu tinha no Brasil e perdi tudo. Fui abandonado por todo mundo. Acabei perdendo a cabeça e fiz besteira. Fui preso assaltando uma casa lotérica na minha cidade (Barreiras, no Oeste) e fiquei preso um tempão. Quando sai da cadeia, não tinha mais vida. Vim direto pra Salvador pegando carona na boleia dos caminhões”, conta.

Santa também não se dá bem nos espaços de acolhimento. “Não gosto de abrigo. Depois que saí do sistema (carcerário), todo lugar que me perguntam meu nome completo me faz lembrar tudo que já passei de interrogatório. E foi um bocado. Todo dia era isso”, relembra, cheio de receio.

Apesar de fugir dos espaços fechados, ele acredita que, em breve, terá que vencer o trauma e viver entre quatro paredes. “Estou me vendo velho e acho

que vou ter que cair pra um abrigo desses, mesmo. Viver na rua tem que ter força pra brigar a qualquer hora. Só durmo de dia. Passo a noite andando por aí. Depois que sai da cadeia foram poucas vezes que eu dormi. Já passei umas noites em abrigo só para matar a saudade de como é dormir de noite”, diz.

#### REPULSA

Segundo Juliana Portela, da Semps, a repulsa dos moradores de rua aos abrigos não é algo que se explica tão facilmente. “Tem pessoas que nasceram na rua, então é difícil des- construir a rua como território de identidade dela. Precisa fazer um trabalho de construção de vínculo com a pessoa. Às vezes, a mulher quer ir, o homem não quer. Às vezes tem um preconceito com o abrigo, richa de bairro”, explica.

Conhecido como Engraxate, Itaurano Nascimento Pedra, 31, vive desde os 10 anos nas ruas. Apesar de não ter sido preso, já foi detido por por-

te de drogas. “A polícia me levou, ouviu meu depoimento e me liberou”, lembra. O máximo que conseguiu ficar num abrigo foi por cinco dias.

O asco aos abrigos, porém, não é uma regra entre os moradores de rua que deixaram a prisão. Rosenildes Santos de Lima, 41, que há 17 anos habita os arredores da Avenida Lafayette Coutinho, a Contorno, contou os dias que passou na ala feminina da Lemos Brito.

“Fiquei um ano e 12 dias presa injustamente. Os homens (policiais) deram a batida e jogaram a droga pra cima de mim”, relembra. “Já morei em um abrigo em Itapuã, mas me tiraram de lá. Hoje quero voltar para um lugar tipo aquele, mas é muito difícil”, afirma.

#### HÁ VAGAS

De acordo com a Semps, apesar do grande número de pessoas em situação de rua em Salvador, ainda há vagas nas 12 unidades de acolhimento disponibilizadas pela pasta. Atualmente, são 600 vagas – e, dessas, 431 estão ocupadas.

Só em 2017, a Semps abordou 2 mil pessoas. Dessas, 415 aceitaram ser cadastradas pelos agentes. Segundo a diretora, a média do tempo de rua era de mais de um ano. O motivo mais comum para estarem lá era o uso de substâncias psicoativas – especialmente o crack.

“Com o uso, tem o rompimento do vínculo (familiar), a perda do emprego, a desestruturação. Tem a questão da crise. A gente tem observado um aumento de pessoas do interior que vieram em busca de melhores chances de emprego, mas não conseguem e acabam

indo para a rua”, explica.

Para criar um vínculo, eles trabalham com equipes fixas – e evitam trocar os educadores. “É um trabalho de construção de vínculo, que leva tempo”, explica. Além das 12 unidades de atendimento e de três Centros Pop, a Semps oferece auxílio moradia para quem sai do abrigo. Hoje, 672 famílias recebem o benefício, de R\$ 300.

“É um recurso que dá para alugar uma casa e a pessoa pode correr atrás de um trabalho para pagar as outras despesas. As unidades de acolhimento têm um número expressivo de vagas. São quartos individualizados, com três refeições e educadores 24 horas por dia”.

#### EQUIPE MULTIDISCIPLINAR

Além da Semps, a Defensoria Pública do Estado tem uma equipe multidisciplinar de atendimento a pessoas em situação de rua. De 2013 até o início de 2016, foram cerca de 1,9 mil atendimentos. A principal demanda é por documentos.

A equipe conta, ainda, com uma psicóloga, assistentes sociais, estagiários de Direito e estudantes do Bacharelado em Gênero e Diversidade da Universidade Federal da Bahia e de Serviço Social da Unijorge.

“Temos casos de violência institucional, por conta da Polícia Militar, da Guarda Municipal e até de profissionais da rede de assistência e de saúde. A gente consegue juntar toda a documentação, exame de corpo de delito, relatório médico e até entrar com ação de indenização”, explica a defensora pública Fabiana Almeida, coordenadora da Equipe Pop Rua.

**169**  
vagas estão disponíveis hoje em abrigos de Salvador

**1,9 MIL**  
atendimentos foram feitos de 2013 a 2016 pela Defensoria

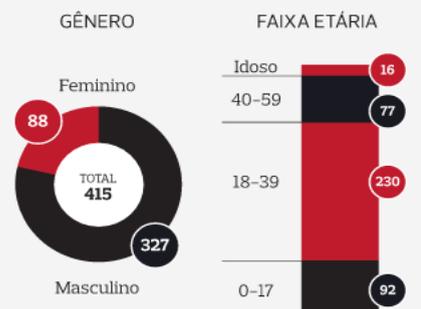
## OCUPAÇÃO E ESCOLARIDADE

De acordo com a Semps, dos 1.980 cadastros de 2016, a maioria trabalhava com reciclagem (310), mas também há pedintes, guardadores e os que trabalham com outras atividades. A maior parte tem somente o ensino fundamental (1.231), enquanto 519 não declararam, 129 não foram alfabetizados, 89 têm nível médio e 12 têm ensino superior.

**SERVIÇO**  
Por causa da crise, 32 casas lotéricas deixaram de funcionar na Bahia em 2016 >> pág. 14

**MUNDO**  
Terrorista que matou policial em Paris já era investigado por ligação radical >> pág. 16

Situação das pessoas de rua cadastradas pela prefeitura nos três primeiros meses de 2017



Depois que fiquei presa não gosto mais de lugar com fechadura. Quero ser livre  
**Eva Santos**

49 anos, vive há dois dias nas ruas da Cidade Baixa

Eu tinha apostado quase todo dinheiro que eu tinha no Brasil e perdi tudo  
**José Augusto Santa**

58 anos, acabou indo para as ruas após a derrota em 1998

Já morei em um abrigo em Itapuã, mas me tiraram de lá. Hoje quero voltar  
**Rosenildes Santos de Lima**

41 anos, vive há 17 nos arredores da Avenida Contorno

Durmo aqui por causa da sombra. Tem iluminação à noite  
**Sandra dos Santos**

40 anos, tem numa das passarelas da Avenida Heitor Dias o seu lar

Tem pessoas que nasceram na rua, é difícil desconstruir como território de identidade  
**Juliana Portela**

Diretora de Promoção Social Especial da Semps

## Cobertas, passarelas viram lar

A voz de Sandra dos Santos, 40 anos, quase não sai. O barulho dos carros que passam em alta velocidade na Avenida Heitor Dias ajuda a abafar os sons. Ela diz que aquela passarela pintada de verde agora é sua casa. Sandra vive na rua. Ela não sabe dizer ao certo há quanto tempo, mas diz que é "há um bocadinho de tempo", o suficiente para afirmar que não tem ninguém, é sozinha no mundo. O trabalhador autônomo Paulo Salles, 48, mora bem próximo da passarela onde Sandra tem ficado. "Tem uns 10 dias que ela chegou aí. Ela costuma ficar sozinha. Vejo todos os dias, mas sempre só ela", contou. Segundo ele, ela está sempre ali, sentada, com suas coisas. Não costuma interagir com as pessoas. "Mas não fica muita gente no ponto, até porque é meio perigo-

so. Quando passa o ônibus, todo mundo vai embora".

Mas Sandra não vai. Quando conversou com a equipe do CORREIO, ela explicou o motivo de ter escolhido a passarela. "Durmo aqui por causa da sombra. Tem iluminação à noite", disse, en-

Esse tempo de chuva é que começa a aumentar. No Inverno, isso aqui parece hotel  
**Ambulante**

Vendedor, que trabalha na Avenida Vasco da Gama, não quis se identificar

quanto separava um pacote de biscoitos doados. Natural de Salvador, Sandra nasceu na região da Vasco da Gama. Não sabe dizer quando saiu de lá para a rua.

Na Vasco, a passarela que fica perto da Perini ganhou um morador novo nas últimas semanas. "Tem mais ou menos um mês que ele dorme aí. Vejo todo dia", contou o vigilante Sérgio Andrade, 52, que trabalha em um posto de gasolina.

O novo habitante da passarela não quis conversar com o CORREIO. Mas ele não foi o único a adotar o espaço. Semanas antes, segundo um vendedor de doces, a mesma passarela abrigava um grupo de quatro pessoas. Certo dia, foram embora. "Mas esse tempo de chuva é que começa a aumentar. No Inverno, isso aqui parece hotel", disse o ambulante, sob anonimato.



EVANDRO VEIGA

Sandra vive na Avenida Heitor Dias

## Projeto Axé divulga o perfil das ruas

Na próxima semana, o Projeto Axé vai divulgar os dados completos de uma pesquisa realizada entre maio e agosto de 2016 sobre a população em situação de rua em Salvador. A partir de um mapeamento da cidade, a entidade foi às ruas com 120 pesquisadores - entre estudantes da Universidade Federal da Bahia (Ufba), membros do Movimento de População em Situação de Rua, integrantes da Associação dos Baleiros e educadores sociais do próprio projeto.

Durante quatro dias, eles foram às ruas observar, em diferentes turnos, quem ocupava aqueles espaços: o total foi de 22.942 pessoas. Mas, com auxílio do Departamento de Estatística da Ufba, chegaram a

um modelo que estima o máximo e o mínimo de pessoas, com um controle de repetição por turno. Assim, chegaram ao mínimo de 14 mil pessoas e ao máximo de 17,3 mil nas ruas.

"Os baleiros foram contados como pessoas em situação de rua, porque consideramos que a situação deles não é diferente. A miséria, sobretudo nesses três últimos anos, voltou de tal forma no Brasil, que apesar de o sujeito não estar dormindo na rua, vive condições de violações de direitos tão graves quanto aqueles. E eles fazem da rua um espaço de sobrevivência e socialização, porque a miséria não está nem mais cabendo no barraco", afirma o diretor do projeto, Marcos Cândido.

### ABRIGOS

**Amaralina** Para casais com crianças

**Itapuã** Para público feminino

**San Martin** Para casais com crianças

**Pau da Lima** Para o público masculino

**Vasco da Gama** Para o público masculino

**Adra** Casa de passagem para homens e mulheres adultos; abrigo institucional para homens adultos

**Aspec** Abrigo institucional para jovens e homens adultos

**Casa das Pérolas** Casa de passagem para adultos

**ISI** Casa de passagem para homens e mulheres adultos e abrigo institucional para homens adultos